

10 Anos da liturgia de Francisco: um itinerário de encontro, diálogo e missão

*10 Years of Francis' liturgy:
an itinerary of encounter, dialogue and mission*

Fábio Luiz de Souza

Resumo

O presente artigo intenta contemplar, num breve panorama, como a liturgia no magistério petrino é apresentada hoje, no décimo aniversário de seu pontificado. A carta apostólica *Desiderio Desideravi* apresenta o conceito de liturgia como sendo o "hoje" da história da salvação. Para viver em verdade este gesto divino, o papa convida a todos a celebrar de maneira simples e sóbria os mistérios sagrados. A carta apresenta a liturgia como um lugar de encontro, onde acontece um diálogo misericordioso e acolhedor e onde os fiéis são chamados à missão. Estes elementos que figuram na carta apostólica estão presentes nos escritos e no pontificado do Papa Francisco. O presente trabalho traça um itinerário destes conceitos por alguns dos principais escritos do Papa Francisco, e como se relacionam com culto da Igreja, até seu uso para definir a Liturgia conforme a *Desiderio Desideravi*. Desta maneira, é possível observar os grandes desafios atuais a aplicação da liturgia e buscar através dos meios da educação litúrgica, levar aos irmãos àquela plena participação da liturgia tão desejada pela Igreja.

Palavras chave: Liturgia. Encontro. Diálogo. Missão. Papa Francisco.

Abstract

This article attempts to contemplate, in a brief overview, how the liturgy in the Petrine Magisterium is presented today, on the tenth anniversary of his pontificate. The apostolic letter *Desiderio Desideravi* presents the concept of liturgy as being the "today" of salvation history. To truly live this divine gesture, the pope invites everyone to celebrate the sacred mysteries in a simple and sober way. The letter presents the liturgy as a meeting place, where a merciful and welcoming dialogue takes place and where the faithful are called to the mission. These elements that appear in the apostolic letter are present in the writings and pontificate of Pope Francis. The present work traces an itinerary of these concepts through some of the main writings of Pope Francis, and how they relate to Church worship, until their use to define the Liturgy according to *Desiderio Desideravi*. In this way, it is possible to observe the great current challenges to the application of the liturgy and to seek, through the means of liturgical education, to lead the brothers to that full participation in the liturgy so desired by the Church.

Key words: Liturgy. Meeting. Dialogue. Mission. Pope Francis.

Introdução

O Papa Francisco publicou, como um de seus mais recentes escritos, a Carta Apostólica *Deisderio Desideravi*, sobre a formação litúrgica do povo de Deus. Assim coloca de forma central o caro tema da liturgia, considerando as características próprias de seu ministério, como se pode ver em seus outros documentos. Anteriormente, o pontífice já tinha publicado uma Carta Apostólica sob forma de Motu Próprio, a *Traditionis custodes*, tratando do uso da Liturgia Romana anterior à reforma de 1970. Esta foi dirigida aos bispos, aos quais chama de guardiões da tradição, apontando especificamente que “ao bispo diocesano, qual moderador, promotor e guardião de toda a vida litúrgica na Igreja particular a ele confiada, compete regular as celebrações litúrgicas na sua própria diocese.”¹ Agora, vê a necessidade de endereçar a todo o povo cristão algumas reflexões sobre a liturgia. Trata-se de uma matéria que, devida sua grande amplitude, deve ser por todos considerada, uma vez que é uma “dimensão fundamental para a vida na Igreja.”²

Logo no início da carta apostólica *Deisderio Desideravi*, a liturgia é entendida como um grande convite, dirigido desta vez a todos os fiéis, para que possam experimentar a redenção da humanidade. O versículo que dá título à carta apostólica faz perceber todo o grande desejo e ardor para a realização desta redenção havia no coração do Senhor. Assim Ele se dirige aos seus discípulos: “Tenho desejado ardentemente comer convosco esta ceia pascal, antes de padecer” (Lc 22,15). Dessa maneira, o Salvador deseja levar à plenitude com a Igreja, ali presente de forma germinal, todo o caminhar de regresso da humanidade à Deus.

Este retorno à casa paterna encontra palco na história do peregrinar humano pelo mundo. A vida humana tona-se sacramento de reconciliação e a trajetória terá sua conclusão com o restabelecimento amoroso de cada pessoa humana com o Criador. Todo o transcorrer da vida humana na terra desde o início da criação e ao longo do desenrolar dos incontáveis séculos de sua história, se configura como uma história de salvação.³

As reflexões sobre a teologia da liturgia que o Papa Francisco deseja apresentar à Igreja de hoje são o resultado de um itinerário percorrido ao longo dos dez anos de seu pontificado. Ao longo do texto do documento, alguns conceitos muito comuns no magistério do Papa Francisco ocupam lugar de destaque. São temas recorrentes em seu pontificado, como: lugar de encontro, ambiente de diálogo, dom de misericórdia, motivadora para um apostolado missionário para todos os fiéis, cuidado da casa comum, etc. que são utilizados, também, aqui. Essas notas estão muito presentes nos ensinamentos do Papa Francisco desde o início do exercício de seu pontificado., tanto figurando em seus pronunciamentos e quanto testemunhado em suas ações. Na apresentação do tema da liturgia, o documento assume estes princípios fundamentais, que são trabalhados em vários aspectos. Utilizando-se destas concepções e ideias basilares são definidos o mistério da liturgia e são determinados os seus objetivos preponderantes. A aplicação de conceitos como encontro, diálogo misericordioso e a missão, servindo de norteadores de um plano pastoral já encontram suas raízes nos primeiros escritos do Papa Francisco. Eles estão quase que constantemente presentes nos documentos posteriores, onde encontram desenvolvimento, como num *crescendo*, e chegando, até aqui, nas definições e conclusões apresentada na carta apostólica *Desiderio Desideravi*.

1. Uma jornada de encontro, diálogo e ardor missionário.

O Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, tem marcado sua forma de exercer o ministério petrino pela grande ênfase que confere em temas como o diálogo, a misericórdia, o cuidado da casa comum, o envio missionário e a inclusão de todos os seres humanos. O pontífice aponta continuamente para a necessidade da Igreja mostrar uma mão cada vez mais acolhedora e uma face corajosamente misericordiosa a todas as pessoas, a detrimento de qualquer que seja origem ou

¹ FRANCISCO, PP. Carta apostólica em forma de motu próprio *Traditionis Custodes*, p. 10.

² DD 1.

³ DD 3.

condições, dando especial atenção aos marginalizados e excluídos. Gestos pessoais como visita às prisões, o abraço dado aos enfermos, o apoio oferecido aos refugiados, o encontro humilde e acolhedor às lideranças de diferentes credos, a escolha de pessoas encarceradas para o tradicional lava-pés na Quinta-feira Santa, ressaltam essa postura que o papa pede também aos seguidores de Cristo. Suas publicações, pronunciamentos, homilias e catequeses acompanham estes gestos e os propõem para toda a Igreja. Como não podia deixar de ser, também na liturgia de Francisco e percebe os reflexos deste programa de ação pastoral.

O Papa Francisco publicou três grandes encíclicas e outros documentos tratando de vários temas. É muito comum encontrar em tais escritos, como um testemunho de seu modo de exercer o pontificado, a presença destas suas marcas características. No presente artigo, pretende-se perceber estas características pastorais nas encíclicas *Lumen Fidei*, *Laudato Si' e Fratelli Tutti*, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Faremos, assim, uma breve consideração destes dez anos de pontificado do papa argentino, chegando até a carta apostólica *Desiderio Desideravi*. Aqui, serão apontados, de maneira não exaustiva, a presença de alguns destes temas, e como eles incidem na tratativa do tema da liturgia.

1.1. Carta encíclica *Lumen Fidei*: a liturgia como encontro.

A carta encíclica *Lumen Fidei* foi publicada em 29 de junho de 2013. Foi o primeiro documento do magistério petrino com a assinatura do Papa Francisco. Ela faz uma reflexão em função da celebração do Ano da Fé.

Este documento traz uma característica pouco comum, pois é uma encíclica de dois papas. Ela foi iniciada pelo Papa Bento XVI. A carta encíclica *Lumen Fidei* parece concluir uma sequência iniciada por Bento XVI que publicou as encíclicas sobre as virtudes teologais: a *Deus Caritas Est*, sobre o amor cristão; a *Spe Salvi*, sobre a esperança cristã; e a *Caritas in Veritate*, sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade (revisitando o tema da caridade). Tendo renunciado antes de sua conclusão, Bento XVI deixa um primeiro rascunho para o texto da encíclica, cabendo ao Papa Francisco terminar sua redação e realizar sua publicação.

Usando a figura bíblica da luz, que se identifica com o próprio Filho se Deus (Jo 12,46), o documento apresenta a fé como aquela que dissipa as trevas.⁴ Nesta primeira Carta Encíclica, o Papa Francisco ressalta a face misericordiosa de Deus que, atento às dores humanas, dá como resposta a iluminação da fé como lâmpada que guia nossos passos na noite dos sofrimentos:

Ao homem que sofre, Deus não dá um raciocínio que explique tudo, mas oferece a sua resposta sob a forma de uma presença que o acompanha, de uma história de bem que se une a cada história de sofrimento para nela abrir uma brecha de luz. Em Cristo, o próprio Deus quis partilhar conosco esta estrada e oferecer-nos o seu olhar para nela vermos a luz. Cristo é aquele que, tendo suportado a dor, Se tornou “autor e consumidor da fé” (*Hb 12, 2*).⁵

Este documento trata da importância da fé, como pode ser experimentada em comunidade e da relação entre fé e razão.⁶ A fé nasce do encontro pessoal com Deus.⁷ É justamente nesta fé que o indivíduo insere-se numa comunidade, onde acontece, assim, o encontro com os demais. Pelo dom gratuito desta luz, supera-se uma concepção individualista da vida que não suporta a mediação da fé para encontrar-se com Deus, e se torna abertura para o encontro com os irmãos.⁸ Além disso, a fé serve a um bem comum, pois por sua ligação com o amor (Gl 5,6), enriquece as relações humanas, pois ressalta seu fundamento em Deus.

⁴ LF 4.

⁵ LF 57.

⁶ LF 32.

⁷ LF 13.

⁸ LF 14.

A luz da fé é capaz de valorizar a riqueza das relações humanas, a sua capacidade de perdurarem, serem fiáveis, enriquecerem a vida comum. A fé não afasta do mundo, nem é alheia ao esforço concreto dos nossos contemporâneos. (...) A fé faz compreender a arquitetura das relações humanas, porque identifica o seu fundamento último e destino definitivo em Deus, no seu amor, e assim ilumina a arte da sua construção, tornando-se um serviço ao bem comum.⁹

A fé chama e orienta os cristãos na importante e difícil missão do encontro e do diálogo com os seguidores de outras religiões.¹⁰ Pela luz da fé, os filhos da Igreja são chamados a, com prudência e caridade, desenvolver atividades de interlocução e colaboração com seguidores de outras denominações religiosas, tanto no testemunho cristão, quanto no reconhecimento e na promoção seus bens espirituais, morais e valores sócio culturais.¹¹

A liturgia possui grande relevância no tema da fé. Ela possui um papel mediador pela qual a Igreja comunica a sua memória para todas as gerações. Sua essencialidade está no fato de ser a expressão do ato de fé do cristão, reforçando nossa relação com Deus.¹² A liturgia torna-se o vetor para a transmissão da Tradição. Sua celebração promove um encontro com o Senhor, onde os irmãos que o buscam, acabam por também se encontrar:

Para transmitir um conteúdo meramente doutrinal, uma ideia, talvez bastasse um livro ou a repetição de uma mensagem oral; mas aquilo que se comunica na Igreja, o que se transmite na sua Tradição viva é a luz nova que nasce do encontro com o Deus vivo, uma luz que toca a pessoa no seu íntimo, no coração, envolvendo a sua mente, vontade e afetividade, abrindo-a a relações vivas na comunhão com Deus e com os outros.¹³

A fé promove a liturgia como um lugar de encontro e diálogo. Pela celebração litúrgica, o fiel professa sua fé saindo de si em direção ao seu Senhor. Sua máxima expressão na Eucaristia plenifica este encontro dos irmãos com o Cordeiro imolado.¹⁴

1.2. A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: evangelizar pela beleza da liturgia.

Em 24 de novembro de 2013, o Papa Francisco publica a exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. É natural pensar que, como um documento lançado no início de seu ministério petrino, algumas das principais linhas mestras que serão seguidas pelo pontífice que foi “buscado quase ao fim do mundo”¹⁵ sejam apresentadas.

O documento, em cinco capítulos, apresenta uma reflexão para o anúncio do evangelho para os nossos tempos. O trabalho pastoral da Igreja em saída é apresentado. O pastor deve sair ao encontro das ovelhas e não aguardar mais que venham até ele. A pastoral deve ser decididamente missionária.¹⁶ O mundo atual apresenta grandes desafios. Porém o fiel envolvido no trabalho pastoral deve cumprir sua missão com um olhar de otimismo no futuro.¹⁷ Para o anúncio do evangelho faz-se fundamental a consciência do batizado como discípulo missionário.¹⁸ Propõe assim, para toda a Igreja, o estilo de apostolado do documento de Aparecida. Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente entre nós. Para isso, a traz, também uma reflexão da dimensão social da evangelização.¹⁹

⁹ LF 51.

¹⁰ LF 35.

¹¹ NA 2.

¹² LF 45.

¹³ LF 40.

¹⁴ LF 44.

¹⁵ FRANCISCO, PP., Bênção apostólica “Ubi et orbi”

¹⁶ EG 16.

¹⁷ EG 20-21.

¹⁸ EG 50.

¹⁹ EG 176.

O mistério da liturgia é abordada em diversos pontos desta exortação apostólica. Uma vez que a evangelização anuncia uma ação salvífica operada na história, a celebração que atualiza essa salvação adquire grande importância.

(...) não deveremos entender a novidade desta missão como um desenraizamento, como um esquecimento da história viva que nos acolhe e impele para diante. A memória é uma dimensão da nossa fé, que, por analogia com a memória de Israel, poderíamos chamar deuteronomica. Jesus deixa-nos a Eucaristia como memória cotidiana da Igreja, que nos introduz cada vez mais na Páscoa (Lc 22, 19). A alegria evangelizadora refulge sempre sobre o horizonte da memória agradecida: é uma graça que precisamos de pedir.²⁰

A liturgia, a Eucaristia de modo particular, é momento privilegiado do encontro com Deus. Na assembleia que celebra a memória de nossa salvação, a alegria de evangelizar se renova. É um momento de encontro de Deus com seu povo. A comunhão com o Senhor deve levar o evangelizador a, cada vez mais, ceder espaço a Cristo em suas palavras e gestos.²¹

A liturgia da Igreja em saída serve também à evangelização. Pela sua beleza, atrai e educa na fé. Ela é, também, atividade evangelizadora e fonte de um renovado impulso evangelizador.

Por fim, a comunidade evangelizadora jubilosa sabe sempre “festejar”: celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização. No meio desta exigência diária de fazer avançar o bem, a evangelização jubilosa torna-se beleza da liturgia. A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar.²²

A exortação apostólica não deixa de apontar para um grave perigo, que chama de “mundanismo espiritual.”²³ Trata-se de buscar a glória humana e o bem estar pessoal ao invés da glória do Senhor, utilizando-se de uma religiosidade apenas aparente. A liturgia celebrada nesta situação de mundanismo espiritual apresenta um falso amor à Igreja que esconde a busca de vantagens pessoais. O poder evangelizador da celebração litúrgica é eclipsado, pois perde-se a preocupação de que o Evangelho seja propriamente pregado, possua uma verdadeira inserção no Povo de Deus, o que faz com que a vida da Igreja seja transformada em um museu. Assim, o documento ressalta o poder evangelizador da liturgia e os riscos de seu desvirtuamento. “Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais! Este mundanismo asfíxiante cura-se saboreando o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus.”²⁴

1.3. Carta encíclica *Laudato Si'* e a liturgia cósmica.

Lançada em maio de 2015, a carta Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum, trata do cuidado com o meio ambiente e com todas as pessoas, bem como a relação entre Deus, os seres humanos e toda a criação. O mundo possui sua sacralidade, pois é um mistério a ser contemplado na alegria e no louvor.²⁵ A própria celebração litúrgica se beneficia dos bens da criação. A liturgia é um espaço do ser humano com Deus e, também, com os dons da criação. Muitos dos sinais sagrados usados para a santificação dos homens são tomados da natureza.

Os sacramentos constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural. Através do culto, somos convidados a abraçar o mundo num plano diferente. A água, o azeite, o fogo e as cores são assumidas com toda a sua força simbólica e incorporam-se no louvor. A mão que abençoa é instrumento do amor de Deus e reflexo da proximidade de Cristo, que

²⁰ EG 13.

²¹ EG 137.

²² EG 24.

²³ EG 93.

²⁴ EG 97.

²⁵ LS 12.

veio para Se fazer nosso companheiro no caminho da vida. A água derramada sobre o corpo da criança batizada, é sinal de vida nova.²⁶

O cristianismo não rejeita a matéria. Afinal, a própria encarnação é um gesto divino de abraçar o mundo material para abastá-lo de sobrenaturalidade. A Eucaristia celebra esta realidade no que o documento chama de ato de amor cósmico.²⁷ O mundo que sai de Deus, a ele retorna, agora resgatado em Cristo, que vem para recapitular em si todas as coisas (EF 1,10).

1.4. Carta encíclica *Fratelli tutti* e a fraternidade.

A mais recente carta encíclica do Papa Francisco, a *Fratelli tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social. Lançada a 03 de outubro de 2020, a encíclica vem ressaltar a suprema importância do encontro e do diálogo para a vivência de uma fraternidade e justiça em meio à família humana.

O documento fala de uma cultura do encontro para superar os pecados do isolamento e do fechamento sobre si mesmo e dos próprios interesses.²⁸ A encíclica *Fratelli tutti* vem, então, propor um percurso para um novo encontro onde, sem pretender esquecer os conflitos do passado, se deseja superá-los pelo trabalho conjunto, para uma nova convivência.²⁹

A encíclica valoriza sobremaneira o tema do encontro. Tornar este gesto uma cultura pode ser a cura de muitos males que acometem nossa sociedade.

O ser humano se faz de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude a não ser no sincero dom de si mesmo aos outros. E não chega a reconhecer completamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros (...) Isso explica por que ninguém pode experimentar o valor de viver sem rostos concretos a quem amar. Aqui está um segredo da existência humana autêntica, já que a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte do que a morte, quando se constrói sobre verdadeiras relações e vínculos de fidelidade. Pelo contrário, não há vida quando se tem a pretensão de pertencer apenas a si mesmo e de viver como ilhas: nestas atitudes prevalece a morte.³⁰

Quando se promove o encontro com os irmãos, mesmo aqueles que guardam diferenças de vários tipos, abre-se a possibilidade para um acolhimento com o coração. O diálogo paciente e confiante que brota deste encontro pode provocar a transmissão de valores e riquezas culturais que se foram criando ao longo de séculos. Do diálogo brotam as riquezas de cada um, onde se deve valorizar o que une e ver as diferenças como possibilidades de crescimento.³¹

A carta encíclica *Fratelli tutti* não chega a abordar a liturgia diretamente, mas tratando dos temas da fraternidade universal,³² solidariedade,³³ paz,³⁴ imigração³⁵ e ecologia,³⁶ toca nas questões que também são usadas para a prática da liturgia do Papa Francisco.

2. Carta apostólica *Desiderio Desideravi*: a educação litúrgica.

Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* foi publicada a 29 de junho de 2022. Trata-se, ao mesmo tempo, de um ponto de chegada de toda uma caminhada do pontificado que sempre buscou valorizar o encontro, o diálogo e a misericórdia, e um ponto de partida para uma nova forma de relacionar com as

²⁶ LS 235.

²⁷ LS 236.

²⁸ FT 30.

²⁹ FT 250.

³⁰ FT 87.

³¹ FT 134.

³² FT 9.

³³ FT 114.

³⁴ FT 127,225.

³⁵ FT 135.

³⁶ FT 257.

pessoas e o mundo pela transformação operada em cada fiel pela celebração. A proposta que é apresentada aponta para uma liturgia que enfatiza uma maior simplicidade, que busca promover a participação ativa da assembleia e no estabelecimento de uma ligação efetiva entre liturgia e vida cotidiana. A liturgia é, também, uma forma de estabelecer a unidade e a fraternidade entre os fiéis.

O documento aponta que a perenidade da liturgia que manifesta o plano de salvação de Deus revela um imensurável desejo divino:

(...) seu desejo infinito de restabelecer essa comunhão conosco, que era e continua sendo o plano original, não pode ser saciado até que cada homem, de toda tribo, língua, povo e nação (Ap 5,9) tenha comido do seu Corpo e bebido do seu Sangue: por essa razão, aquela mesma Ceia se fará presente, até o seu retorno, na Celebração da Eucaristia.³⁷

O desejo de comunhão com o ser humano se concretiza em um encontro de todas as gentes com o seu Deus salvador, acessível pela celebração do mistério do cordeiro imolado sobre o altar. “O Mistério de Cristo continua plenamente no mistério do culto, atingindo nele todos os membros da Igreja espalhados no espaço e no tempo.”³⁸

2.1. A liturgia como lugar de encontro.

A salvação de Deus se opera através da ação litúrgica para uma assembleia reunida em oração. Para aqueles que atendem à convocação divina, a liturgia torna-se lugar de encontro. Numerosos testemunhos que nos chegaram das práticas litúrgicas da igreja primitiva apontam para a ideia comum que a assembleia convocada (*ekklesia*) é a reunião dos que estavam separados, às vezes, por longas distâncias: “Assim como este pão partido estava disperso pelos montes, e, depois de colhido se tornou um só, assim se reúna a tua Igreja dos confins da terra no teu reino. Pois tua é a glória e o poder por Jesus Cristo, pelos séculos.”³⁹

O Filho de Deus encarnado, Cabeça da Igreja, derruba quaisquer muros de separação, geográficos ou cronológicos, e reúne na unidade de Seu Corpo Místico a humanidade redimida. Assim, para entrar no mistério da salvação, a criatura humana passa pelo processo do encontro. Deus salva encontrando-se com toda a família humana. A liturgia, com a força atualizadora que recebe do Espírito Santo, promove este encontro, não subjetivo ou meramente figurado, mas objetivo e atualizado para todos os fiéis.

A Liturgia nos garante a possibilidade desse encontro. Não nos serve uma vaga recordação da última Ceia: nós precisamos de estar presentes naquela Ceia, a fim de poder escutar a sua voz, comer do seu Corpo e beber do seu Sangue: nós precisamos d’Ele. Na Eucaristia e em todos os sacramentos é garantida a nós a possibilidade de encontrar o Senhor Jesus e de ser alcançados pelo poder da sua Páscoa. O poder salvífico do sacrifício de Jesus, de cada palavra sua, cada gesto, olhar e sentimento, chega até nós na celebração dos sacramentos. Eu sou Nicodemos e a Samaritana, o possesso de Cafarnaum e o parálítico em casa de Pedro, a pecadora perdoada e a hemorroíssa, a filha de Jairo e o cego de Jericó, sou Zaqueu e Lázaro, o ladrão e Pedro perdoados.⁴⁰

Indo em direção a Deus para viver a salvação, os homens encontram-se uns com os outros, tornando-se membros de Jesus Cristo. Celebrar a liturgia é experimentar um encontro com Deus e com os demais irmãos e irmãs, superando a separação sofrida pelo pecado.

A liturgia só tem sentido se for um encontro. A fé cristã só pode existir a partir de um encontro com o Cristo ressuscitado. Negar a possibilidade de um encontro verdadeiro com Cristo seria como afirmar que a pregação dos apóstolos se esgotou e a novidade do Verbo se tornou deteriorada. Mas, ao contrário, a liturgia nos garante este encontro. Ela nos coloca presentes nos fatos da vida de Cristo e, por ela, experimentamos os efeitos renovados de sua páscoa salvadora.⁴¹

³⁷ DD 4.

³⁸ CASEL, O., O mistério do culto no cristianismo. p. 55.

³⁹ DIDAQUE ou doutrina dos doze apóstolos IX,4. p. 104.

⁴⁰ DD 11.

⁴¹ DD 10-11.

2.2. A liturgia como envio missionário.

O documento *Desiderio Desideravi* apresenta uma grave motivação missionária como uma atitude de serviço para promover a realização do encontro entre o Criador e a criatura humana para saciar o desejo divino de comunhão. Ser um discípulo e missionário é uma vocação para todos os fiéis batizados, independentemente do seu estado de vida. Esta vocação deve ser atendida pelos cristãos. É seu dever lançarem-se na missão evangelizadora com atitude de grande fidelidade e audácia.⁴² Os que se tornam seguidores de Jesus Cristo pelo anúncio recebido deverão, por sua vez, levar a cada homem de cada povo, a consciência do convite de um Deus que sente saudade, para que, indo ao seu encontro com Deus, entrem em sua salvação.

Na *Desiderio Desideravi*, o Papa Francisco aponta que o convite para as bodas do Cordeiro é dirigido a todas as pessoas. Porém, um grande número de destinatários do convite divino ignoram sua condição, ou não sabem valorizá-la devidamente. Diante deste triste fato, o discípulo missionário de Jesus Cristo não pode permitir-se ficar inativo. Sua missão urge ser cumprida.

Não deveríamos ter sequer um momento de descanso, sabendo que nem todos ainda receberam o convite à Ceia, ou que outros o esqueceram ou se perderam nos caminhos tortuosos da vida dos homens. Por isso disse que “sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG 27): para que todos possam se sentar à Ceia do sacrifício do Cordeiro e viver d’Ele.⁴³

A razão de ser da vocação de discípulo missionário conferida aos fiéis batizados é, justamente, dar sua colaboração para que todos possam se sentar na mesa da ceia do sacrifício do Cordeiro e, pela manducação dos dons divinos, viver do próprio Cristo. O documento torna vivo o apelo do Apóstolo que diz: “Ai de mim se não pregar o evangelho” (1Cor 9,16). Evangelizar torna-se uma necessidade para o discípulo missionário de Jesus Cristo.

2.3. A liturgia como dom de misericórdia e de diálogo.

A celebração do Mistério do Cordeiro está presente e perpetuado no mistério da liturgia. Esta graça foi outorgada a toda a humanidade de todos os tempos, através das mãos dos Apóstolos. Tal entrega se deu por total misericórdia de Deus. É a potência do Espírito Divino que torna presente a obra realizada pelas mãos do Filho de Deus encarnado. O ser humano é objeto de grande misericórdia por Deus.

Sendo pela misericórdia de Deus que recebemos o dom do Pão repartido, que contrassenso não seria os que receberam o alimento da misericórdia deixar de manifestar a misericórdia com os irmãos que recebem o mesmo alimento. O documento teme a triste possibilidade de tão grandioso dom ser obscurecido por ideologias e interesses pessoais.⁴⁴ O Pão repartido é sacramento da piedade, sinal de unidade e vínculo de caridade.⁴⁵

Como sinal de paz, deve fomentar o exercício misericordioso de todos os irmãos e fomentar o diálogo verdadeiro e amoroso para a superação de conflitos.

Estas intuições do Papa Francisco querem guiar nosso aprofundamento no conhecimento da teologia da liturgia e, sobretudo, levar a todos os fiéis batizados essa liturgia de encontro, de perdão de graça e missionaridade. Uma realidade não tão nova, mesmo nas palavras do pontífice argentino, mas são familiares a todos que o acompanham pois ao longo de sua vida e ministério o Papa Francisco pautou seus discursos em ideias como essas. Os documentos que publica desde o início de seu pontificado, atestam, estes como alguns dos pilares de seu pontificado.

⁴² DA 11.

⁴³ DD 5.

⁴⁴ DD 16.

⁴⁵ SC 47.

3. Acenos para o futuro.

O Papa Francisco encerra suas meditações afirmando que a carta apostólica *Dei desiderio Desideravi* não pretende esgotar o imenso tesouro da celebração litúrgica.⁴⁶ Porém, olhando para o futuro, encontram-se desafios para a prática de uma liturgia mais simples, com beleza sóbria e marcada pela misericórdia e pela humildade servil.

Uma das missões que a carta confia à Igreja é executar uma liturgia que seja, cada vez mais, pautada sob a cultura do encontro, onde se possa experimentar um diálogo amoroso com o Senhor e caridoso com os irmãos para promover a misericórdia na família humana. Mas essa missão levanta muitas questões desafiantes para o futuro. O convite à educação litúrgica deve preparar o cristão para essa realidade.

3.1. Superar a superficialidade

Celebrar e viver uma liturgia mais com mais simplicidade e sobriedade não pode de forma alguma ser confundido com superficialidade rasteira ou banal. Seu conteúdo de grande densidade e riqueza deve ser transmitida integralmente aos fiéis. O acesso à uma autêntica experiência com o Mistério Pascal de Cristo e sua força salvadora deve acontecer na celebração com o cumprimento fiel às normas e espírito de piedade, com dignidade nas vestes e no espaço sagrado. Porém é muito importante que não se recorra à um exagerado esteticismo ritual, que serve mais à formalidade exterior e à uma celebração do ser humano que ao culto divino.

3.2. O problema da rigidez litúrgica

O Papa Francisco critica a rigidez na liturgia. Essa postura, sobretudo quando parte do presidente da celebração, pode dificultar, ou mesmo impedir, a participação mais ativa dos fiéis. Na quarta-feira, 1º de setembro de 2021 na sala Paulo VI, o papa refletiu o texto da Epístola de São Paulo aos Gálatas:

Também hoje algumas pessoas nos fazem arder as orelhas dizendo: “Não, a santidade está nestes preceitos, nestas coisas, é preciso fazer isto e aquilo”, e propõem-nos uma religiosidade rígida, a rigidez que nos tira aquela liberdade no Espírito que a redenção de Cristo nos dá. Estai atentos perante a rigidez que vos propõem: estai atentos. Pois por detrás de cada rigidez há algo negativo, não existe o Espírito de Deus.⁴⁷

O documento diz que algumas atitudes que, mesmo opostas, são inadequadas na celebração litúrgica, citando: austeridade ou criatividade exagerada; misticismo espiritualizante ou funcionalismo prático; precipitação apressada ou lentidão acentuada; descuido negligente ou excessiva minúcia; excessiva afabilidade ou impassibilidade hierática.⁴⁸ Atitudes como essas surgem de um personalismo exagerado, podendo chegar até ao desejo de protagonismo. Para se preservar deste risco, deve o presidente da celebração buscar uma profunda consciência de receber a misericórdia de Deus de ser uma presença do Ressuscitado.⁴⁹

3.3. Fortalecer o papel dos leigos

Para a *Desiderio Desideravi*, o papel destacado que os leigos possuem na vida na Igreja deve se refletir na realidade litúrgica. A participação dos leigos deve ser promovida na Igreja a fim de que possa ser manifestado o papel de cada fiel no culto divino. A participação de todos manifesta a força da assembleia nas aclamações e cânticos que são propostos a cada um,⁵⁰ porém sem que haja confusão de papéis.⁵¹ Para isso, a formação litúrgica dos leigos é essencial.

⁴⁶ DD 61.

⁴⁷ FRANSISCO, PP., Audiência geral.

⁴⁸ DD 54.

⁴⁹ DD 57.

⁵⁰ DD 51.

⁵¹ DD 60.

3.4. Promover a formação litúrgica e a inculturação.

A liturgia possui uma função querigmático-catequética. A celebração é também anúncio e proclamação. Para que a liturgia possa se comunicar com o ser humano que, hoje, vem perdendo a noção do símbolo, faz-se urgente a promoção da educação litúrgica.⁵² Além disso, para ser mais compreendida por todos os povos, recai também sobre o promotor da liturgia a responsabilidade de trilhar um caminho correto de inculturação. O culto litúrgico deve ser adaptada às diversas realidades culturais. A liturgia inculturada corretamente, que conhece os valores e as realidades locais, maximiza a eficácia da comunicação do rico conteúdo confiado a Igreja e transmitido pelo poder do rito. Uma inculturação apropriada da liturgia permite, também, a promoção de uma participação mais plena e ativa por parte de todos os povos.

Conclusão

O Concílio Vaticano II trouxe como uma de suas grandes colaborações para os estudos teológicos o revivescimento da teologia litúrgica. O que antes era fruto apenas de uma preocupação estética, moral ou rubrico-legal, floresceu novamente, com o ensino dos antigos Padres da Igreja, como matéria teológica para trazer nova luz para a Igreja hodierna.

A Carta Apostólica *Dei Materfamilias*, celebra este renascimento e convida a todos a aprofundar no conhecimento e na experiência deste mistério divino confiado aos seres humanos.⁵³ É um desejo antigo da Igreja que os fiéis cheguem “àquela plena, consciente e ativa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da liturgia exige e que é, por força do batismo, um direito e um dever do povo cristão.”⁵⁴

O triste estado de secularização que enfrentamos possui o mundanismo espiritual como uma de suas principais causas. A carta apostólica apresenta a liturgia como antídoto, remédio e meio de prevenção contra o mundanismo espiritual. Assim a carta estimula e deseja fomentar o estudo e o conhecimento para que a beleza da liturgia encante e conquiste os corações pela sua beleza e pelo esplendor da verdade que celebra. A formação litúrgica é o caminho de libertação contra a instauração do mundanismo espiritual.

A carta apostólica ressalta a liturgia como lugar de encontro, diálogo, exercício da misericórdia e origem da missão evangelizadora. Pede que a liturgia seja um lugar de encontro com o Senhor, com gestos tão simples quanto os sinais que Ele escolheu para perenizar sua presença e sua força salvadora. Seu reinado é humilde e servil, e assim deve ser também a realeza da liturgia.⁵⁵

Por esta carta apostólica, o Papa Francisco afirma desejar avivar o nosso assombro pela beleza do celebrar cristão. Chama a atenção ressaltando que, pela educação litúrgica, cada fiel cristão pode compreender e amar mais o culto divino. Em conformidade com seu magistério pontifício, chama os filhos da Igreja a viver uma liturgia simples, sóbria, bela e cheia de significado. Ademais, é pela presença ritual do Senhor na liturgia que se pode viver mais profundamente uma dinâmica relacional com Deus marcada pelo encontro e pelo diálogo, que fazem nascer a misericórdia. Que a carta apostólica *Dei Materfamilias*, que traz consigo e aplica à liturgia da Igreja toda a força do magistério do Papa Francisco marcado pelo encontro, pelo diálogo e pela misericórdia, nos leve a uma experiência misericordiosa e transformadora com o Deus. Pois foi justamente para nos chamar a este encontro no culto divino que, passando pela vida de cada de nós, o Senhor, presente no culto litúrgico, olhou-nos com misericórdia e nos escolheu.

Referências bibliográficas

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

CASEL, O. **O mistério do culto no cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2009.

⁵² DD 47.

⁵³ DD 16.

⁵⁴ SC 14.

⁵⁵ DD 60.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V conferência geral do episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB. São Paulo: Paulinas; Paulus. 2008.

CONCILIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Sobre a sagrada liturgia. In: VIER, F. (org.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 259-306.

CONCILIO VATICANO II. Declaração *Nostra aetate*. Sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs. In: VIER, F. (org.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 619-625.

DIDAQUE ou doutrina dos doze apóstolos IX,4. In: CORDEIRO, J. L. (Org.). **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 100-107.

FRANCISCO, PP. **Audiência geral**: Sala Paulo VI, Quarta-feira, 1 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco_20210901_udienza-generale.html> Acesso em: 03 mar. 2023.

FRANCISCO, PP. **Bênção apostólica “Ubi et orbi”**: Primeira saudação do Papa Francisco. Quarta-feira 13 de março de 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html> Acesso em: 03 mar. 2023.

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica *Deisderio Desideravi***. Sobre a formação litúrgica do povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2022.

FRANCISCO, PP. **Carta apostólica em forma de motu próprio *Traditionis Custodes***. Sobre o uso da liturgia romana anterior à reforma de 1970. Brasília: Edições CNBB, 2021.

FRANCISCO, PP. **Carta encíclica *Fratelli Tutti***. Sobre a fraternidade e a amizade social. Brasília: Edições CNBB, 2020.

FRANCISCO, PP. **Carta encíclica *Laudato Si'***. Sobre o cuidado da casa comum. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO, PP. **Carta encíclica *Lumen Fidei***. Aos presbíteros, diáconos, pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a fé. São Paulo: Paulinas 2013.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

Fábio Luiz de Souza

Doutor em Teologia Sistemático Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Docente no Instituto Superior de Ciências Religiosas da Arquidiocese do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: pe.fabioluiz@gmail.com

Recebido em: 31/03/2023
Aprovado em: 22/06/2023